**CONSIDERAÇÕES PARA MOTIVAR A LEITURA/ESTUDO DO TEXTO DO JULGAR**

Na travessia do “VER” para o “JULGAR”, creio que seja necessário revisitar os quatro grandes princípios do pensamento do **Papa Francisco**, apresentados dessa forma na Evangelli Gaudium: *“Para avançar nesta construção de um povo em paz, justiça e fraternidade, há quatro princípios relacionados com tensões bipolares próprias de toda a realidade social. Derivam dos grandes postulados da Doutrina Social da Igreja, que constituem o «primeiro e fundamental parâmetro de referência para a interpretação e o exame dos fenómenos sociais».*[*[181]*](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html#_ftn181) *À luz deles, desejo agora propor estes quatro princípios que orientam especificamente o desenvolvimento da convivência social e a construção de um povo onde as diferenças se harmonizam dentro de um projecto comum. Faço-o na convicção de que a sua aplicação pode ser um verdadeiro caminho para a paz dentro de cada nação e no mundo inteiro”* (EG, 221). No tempo histórico que estamos vivendo, ansiosos por construir um Plano de Pastoral que nos congregue como um “projeto comum” esses princípios recorrentes no ensinamento do papa Francisco, certamente nos ajudarão, a partir de agora, a buscar e encontrar critérios gerais de interpretação da realidade e projetualidade pastoral. São eles:

– o tempo é superior ao espaço;

– a unidade prevalece sobre o conflito;

– a realidade é mais importante que a ideia;

– o todo é superior à parte. (cf. EG, 221-237)

1. **A REALIDADE É MAIS IMPORTANTE DO QUE A IDEIA:**Tendo consciência da relevância dos quatro princípios, destaco aqui o terceiro:

*231. Existe também uma tensão bipolar entre a ideia e a realidade: a realidade simplesmente é, a ideia elabora-se. Entre as duas, deve estabelecer-se um diálogo constante, evitando que a ideia acabe por separar-se da realidade. É perigoso viver no reino só da palavra, da imagem, do sofisma. Por isso, há que postular um terceiro princípio: a realidade é superior à ideia. Isto supõe evitar várias formas de ocultar a realidade: os purismos angélicos, os totalitarismos do relativo, os nominalismos declaracionistas, os projectos mais formais que reais, os fundamentalismos anti-históricos, os eticismos sem bondade, os intelectualismos sem sabedoria.*

*232. A ideia – as elaborações conceituais – está ao serviço da captação, compreensão e condução da realidade. A ideia desligada da realidade dá origem a idealismos e nominalismos ineficazes que, no máximo, classificam ou definem, mas não empenham. O que empenha é a realidade iluminada pelo raciocínio. É preciso passar do nominalismo formal à objectividade harmoniosa. Caso contrário, manipula-se a verdade, do mesmo modo que se substitui a ginástica pela cosmética.*[*[185]*](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html#_ftn185) *Há políticos – e também líderes religiosos – que se interrogam por que motivo o povo não os compreende nem segue, se as suas propostas são tão lógicas e claras. Possivelmente é porque se instalaram no reino das puras ideias e reduziram a política ou a fé à retórica; outros esqueceram a simplicidade e importaram de fora uma racionalidade alheia à gente.*

*233. A realidade é superior à ideia. Este critério está ligado à encarnação da Palavra e ao seu cumprimento: «Reconheceis que o espírito é de Deus por isto: todo o espírito que confessa Jesus Cristo que veio em carne mortal é de Deus» (1 Jo 4, 2). O critério da realidade, duma Palavra já encarnada e sempre procurando encarnar-se, é essencial à evangelização. Por um lado, leva-nos a valorizar a história da Igreja como história de salvação, a recordar os nossos Santos que inculturaram o Evangelho na vida dos nossos povos, a recolher a rica tradição bimilenária da Igreja, sem pretender elaborar um pensamento desligado deste tesouro como se quiséssemos inventar o Evangelho. Por outro lado, este critério impele-nos a pôr em prática a Palavra, a realizar obras de justiça e caridade nas quais se torne fecunda esta Palavra. Não pôr em prática, não levar à realidade a Palavra é construir sobre a areia, permanecer na pura ideia e degenerar em intimismos e gnosticismos que não dão fruto, que esterilizam o seu dinamismo.*

Portanto, ao dar o passo do JULGAR, não podemos “virar a página” da realidade (ver), como se não fosse mais relevante... A realidade sempre terá precedência sobre o discernimento que faremos dela e sobre as propostas de ação que discutiremos... Em todo o processo, há que se manter vigilante, a *“honestidade com o real”,* como nos ensina o teólogo salvadorenho, Ignacio Ellacuría. Por isso, na leitura/estudo que faremos, é importante sempre perguntar: A partir de que realidade estamos “julgando, discernindo, iluminando”?... Em que chão pisam os nossos pés?... Qual é o con-texto e o pré-texto do texto que estamos construindo?... Quais são os territórios do nosso “sentir-pensar”? Esses e outros questionamentos devem ser assumidos como “pedras no sapato” do nosso caminhar e, com certeza nos livrarão dos dogmatismos fáceis, dos autoritarismos doutrinários, da pretensão à verdade e dos ranços ideológicos... Aliás, a ideologia tão falada e tão pouco compreendida, nada mais é do que a inversão do princípio de Francisco: quando a ideia precede e torna-se superior à realidade. Em geral, pessoas da religião são peritas nas construções ideológicas, como afirmou o próprio papa Francisco em entrevista à revista La Civiltá Cattolica: “Se o cristão é restauracionista, legalista, se quer tudo claro e seguro, então não encontra nada. A tradição e a memória do passado devem ajudar-nos a ter a coragem de abrir novos espaços para Deus. Quem hoje procura sempre soluções disciplinares, quem tende de modo exagerado à 'segurança' doutrinária, quem procura obstinadamente recuperar o passado perdido, tem uma visão estática e involutiva. E deste modo a fé torna-se uma ideologia entre tantas” (pp. 469-470). (cf. <https://www.ihu.unisinos.br/555391-os-quatro-ganchos-nos-quais--bergoglio-pendura-o-seu-pensamento>)

**02. QUEM VÊ JUNTO, VÊ MELHOR E MAIS LONGE:** Cada pessoa vê a realidade, individualmente, mas ninguém consegue perceber a totalidade da realidade, solitariamente. Nossos mestres já ensinaram “Cada ponto de vista é a vista de um ponto!” Portanto, a travessia do VER para o JULGAR não será possível sem a construção de pontes que nos ajudem a passar do “monólogo” para o “diálogo”, da “solidão dos que têm razão” para o exercício de escuta respeitosa e reverente com “todos os pontos de vista”, incluindo aqueles que pré-julgamos simplórios, absurdos e inconvenientes... Evidente que os consensos necessários serão construídos com base no mundo real e não em retóricas bem elaboradas... Lembremos que “saber é poder”, e quem tem mais palavras para falar da realidade em que vive e como a interpreta, deve colocar-se a serviço de quem historicamente foi silenciado... Cabe aqui a leitura honesta e interpretação contextualizado do texto escolhido como “fundamento bíblico para o julgar” (cf. 46)... Jesus, esvaziou-se da sua condição divina (“kênosis”) e assumiu a nossa humanidade (húmus... terra, realidade de que todos somos feitos... sempre anterior às nossas construções conceituais...) Esse processo de esvaziamento (“kênosis”), exige dois movimentos: “ex-odos” (caminhar para fora) para superar os intimismos e os subjetivismos, “syn-odos” (caminhar juntos), para superar os personalismos e os narcisismos.

**03. A ESPERANÇA ABRE NOSSAS PORTAS PARA FORA:** A realidade em que vivemos nos desafia, todos os dias, para um caminho “ex-odal” e “syn-odal”. Somos peregrinos da esperança quando caminhamos junt@s e para fora, assumindo todos os riscos desse caminho. É preciso estar atentos: não saímos às ruas para trazer as pessoas para dentro e aliená-las do mundo em que vivem. Somos igreja em saída para testemunhar “as razões de nossa esperança”: o Evangelho, Jesus e o Reino que ele anunciou... Eles também estão e se realizam nas ruas... Uma igreja que assume o Reino de Deus como horizonte de esperança, reconhece as limitações de seus muros e dedica-se a construir pontes com o mundo real, onde o Reino germina como semente e cresce como fermento. Por isso, não é suficiente esperar! Faz-se urgente esperançar, manter viva as frágeis chamas de esperança que ainda fumegam no meio das tempestades da vida, denunciar as forças do anti-Reino que prosperam travestidas em narrativas político-religiosas de descaso e indiferença com a vida das pessoas empobrecidas, “hóstias vivas” onde podemos tocar e comungar o corpo de Cristo Jesus...

**04. PEREGRIN@S QUE SEGUEM O CAMINHO:** Esta foi a primeira identidade cristã: “aqueles que seguem o Caminho” (cf. At 9,2). Esta identidade foi forjada num contexto de perseguição... Prá gente nunca esquecer que não basta um passeio de final de semana para nos reconhecermos cristãos e cristãs. Não por nossos méritos e, tampouco, pela observância de protocolos e doutrinas, somos chamados pela graça de Deus a fazermos parte de seu Povo, testemunhando um jeito de ser igreja pobre com os pobres, reinventando os Grupos de Familia/CEBs como território eclesial e radicalizando uma sinodalidade aberta a todos, todas, tod@s...

**05. TENDA: NOSSO JEITO SERRANO DE SER IGREJA:** Para essa pequena porção do Povo de Deus que está na Região do Planalto Serrano e do Contestado, em Santa Catarina, Tenda é mais que um evento ou um símbolo. Para nós, Tenda é um projeto de Vida, de Igreja e de sociedade... Um jeito de estar no mundo e também de seguir Jesus, Aquele que, esvaziando-se da condição divina, assumiu a nossa condição humana (carne), armando sua frágil tenda no meio de nós. Muito distante dos palácios e dos templos onde, ainda hoje, estão estabelecidos os algozes dos profetas, alargamos o espaço de nossas tendas, costuramos as colchas de retalhos e fincamos bem as estacas que nos sustentam no seguimento do profeta Jesus. Esperançados no seu Evangelho, continuemos nosso caminho de conversão pessoal e comunitária, social e ecológica. Por uma igreja samaritana e madalena, “hospital de campanha” para as pessoas excluídas e sofredoras... Por mais mesas de comensalidade aberta e menos altares de sacrifício, mais portas que se abrem e menos “alfândegas pastorais”, mais abraços circulares e menos inclinações hierárquicas... Que se multipliquem entre nós as práticas de solidariedade, acolhida das diferenças, cuidado, diálogo, itinerância e compaixão para superar a lógica do individualismo, do clericalismo e da injustiça. Não tenhamos medo de assumir esse jeito original de sermos Igreja-Tenda na diocese de Lages, com todas as suas consequências... Sigamos “armando tendas e desarmando relações de exclusão”, caminhando junt@s e para fora, “com fé, esperança e amor!”